

# VOZES DO HORROR

*Contos de Edgar Allan Poe, Charles Dickens,  
Bram Stoker e H. P. Lovecraft*

Traduzido por

**Cassia Leslie e Marcia Paganini**

Ilustrações de **Rogério Coelho**

 **MADREPÉROLA**  
EDITORA



# VOZES DO HORROR

*Contos de Edgar Allan Poe, Charles Dickens,  
Bram Stoker e H. P. Lovecraft*

Tradução de

**Cassia Leslie e Marcia Paganini**

Ilustrações de **Rogério Coelho**



1ª edição | 2021

**Coordenação editorial** Rafael Silvaro  
**Capa e ilustrações** Rogério Coelho  
**Projeto gráfico e diagramação** Ágatha Kretli  
**Revisão de textos** Andréa Vidal

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)**

---

POE, Edgar Allan et al.  
*Vozes do horror: Contos de Edgar Allan Poe, Charles Dickens, Bram Stoker e H. P. Lovecraft / Tradutoras: Cassia Leslie e Marcia Paganini; Ilustrações de Rogério Coelho. – 1. ed. – Londrina, PR : Editora Madrepérola, 2021. 240 p.; 20,5x27,5 cm.*

ISBN: 978-65-87269-29-0

1. Contos. 2. Horror. 3. Literatura Americana. 4. Literatura Inglesa. 5. Literatura Irlandesa. I. Título.

II. Assunto. III. Coordenadoras. IV. Autores.

21-30046012

CDD: B869.93

CDU: 82-31(81)

---

**Índice para catálogo sistemático:**

**1. Literatura: conto; Horror, suspense, terror.**

**2. Literatura: conto; Terror.**

**Bibliotecário - Pedro Anizio Gomes - CRB-8/8846**



*Para Ricardo Dalai, por juntar  
sua voz à nossa.*

*Para Rafael Silvaro, por acreditar  
neste "projeto sobrenatural".*

*- C. L. -*

*À memória de Edgar Allan Poe,  
por seu legado.*

*Ao meu irmão Roni, leitor de Poe.*

*- M. P. -*

*Para o meu filho Pedro,  
com cores, traços e sustos.*

*- R. C. -*



# sumário

Apresentação.....07



**EDGAR ALLAN POE**.....17

*Berenice*.....21

*O enterro prematuro*.....41



**CHARLES DICKENS**.....69

*O véu negro*.....73

*O sinaleiro*.....95



**BRAM STOKER**.....121

*A Casa do Juiz*.....125

*O hóspede de Drácula*.....159

<b>H. P. LOVECRAFT.....</b>	<b>185</b>
<i>O depoimento de Randolph Carter.....</i>	<i>189</i>
<i>A música de Erich Zann.....</i>	<i>205</i>



As quatro vozes.....	225
As tradutoras.....	228
O ilustrador.....	229
A <i>designer</i> e o projeto gráfico.....	229
A obra <i>Vozes do horror</i> .....	230
O que é literatura?.....	231
A literatura gótica e o horror: galhos da mesma árvore fantástica.....	234
O gênero conto.....	236
Para finalizar.....	239



# Apresentação



*“existe apenas o medo,  
nosso pai e nosso companheiro”*

Carlos Drummond de Andrade,  
*Congresso Internacional do Medo*



Que irônico começar a apresentação de uma antologia de contos com um verso de Drummond! Não tão irônico se pensarmos a narratividade do verso drummondiano; nem tão irônico se lembrarmos do lirismo que o horror atinge em alguns dos textos que aqui se apresentam. Tão logo atingi certa idade que me autorizava a emprestar, na biblioteca da escola, livros das estantes de literatura juvenil, fui seduzido pelo gênero que aqui celebramos. Uma antologia de contos de horror estava na estante das novas aquisições do acervo, com uma

## Vozes do horror

lombada grossa, com a foto de Edgar Allan Poe. A maior parte dos contos eram de sua autoria. O primeiro era um conto dele, "O coração delator", seguido pelo "A pata do macaco", de W. W. Jacobs. Lembro que depois dessa antologia, tomei emprestado e li *O médico e o monstro*, de Robert L. Stevenson. Esses textos marcaram minha vida como leitor, professor de literatura e, conseqüentemente, como escritor. Eu ficava, lembro-me bem, encantado com a imaginação dos autores, a fineza dos narradores, a certeza das incertezas em toda a narrativa. A solidez da ambientação. A ambiguidade do horror que aqui se duplica na ambiguidade do próprio conto, esse gênero que conta uma história escondendo outra, como afirma Julio Cortázar. O que o escuro esconde? Esses cantos, esses becos...

Como todas aquelas que denominamos folclóricas, não se sabe quando e como as narrativas de horror surgiram. O que se sabe com certeza é que a tendência de causar medo por meio de histórias é anterior a qualquer tentativa de registro e escrita literária. Dito de outra forma, as narrativas de horror são tão antigas quanto as diferentes mitologias ao redor do globo: em todas elas, do lado oposto ao solar, olímpico, à ordem do universo está a escuridão, a noite, o caos. Um mesmo deus que traz a benção, a chuva, a colheita, a vida, pode trazer, se insatisfeito, a praga, a seca, a morte, a destruição. Eis então algo que une eu e você a todos os humanos que já existiram: o medo que sentimos, igual em tudo ao medo que eles sentiram, o medo do incontrolável. O horror, em suma, trata

## Apresentação

justamente dessa passagem entre um mundo e outro, o aqui e o além. O horror trata sempre do “e se...”.

Podemos, por meio da racionalidade, explicar certos fenômenos da vida, e cremos que nossa inteligência acabará por compreender tudo. Mas, como escreveu Alberto Manguel em sua introdução aos *Contos de horror do século XIX*,

Basta uma noite escura, um ruído insuspeitado, um momento de descuido em que percebemos com o rabo do olho uma sombra passageira, para que nossos pesadelos nos pareçam possíveis e para que busquemos na literatura a dupla satisfação de saber que o medo existe e que ele tem a forma de conto.<sup>1</sup>

O conto de horror atinge, principalmente na literatura anglo-saxônica, outro nível de lirismo, principalmente com o nome de Edgar Allan Poe. Depois de Poe, Jacobs e Stevenson, li alguma coisa de H. P. Lovecraft e logo conheci aquele que seria por muito tempo meu escritor favorito: Stephen King — que também é leitor de Lovecraft, Stevenson e Poe, mas que foi, eu acho, o primeiro escritor que me fez ter vontade de escrever. Aos treze anos eu devorava qualquer livro de horror e qualquer filme de terror — como ao próprio King, o terror

---

<sup>1</sup> MANGUEL, Alberto (Org.). *Contos de horror do século XIX*. Vários tradutores. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 9.

## Vozes do horror

chegou a mim também pelo cinema, e talvez seja este o seu caso, leitor que *aqui-agora* conheço. Aos treze anos, eu encarava qualquer medo dentro daqueles medos nos textos ficcionais e nos filmes. Entre uma leitura ou outra do colégio, passei a adolescência lendo os romances e contos de King, tentando criar um ou outro enredo, uma, duas, três tentativas, todas mais cópias que originais. Comecei a escrever então um romance de terror que parecia não terminar nunca. Ainda deve existir em alguma caixa esquecida as páginas datilografadas, dedicadas a Edgar Allan Poe ou Stephen King. Enquanto meus amigos viviam várias vidas em *videogames*, eu mergulhava em eventos obscuros, entrava em ruas desertas, cruzando com gatos vadios iluminados pela Lua. Monstros, fantasmas, demônios. Os demônios... Meus maiores medos sempre foram os demônios. Eram eles que eu acreditava que minha irmã mais velha caçava ao olhar debaixo da cama antes de dormir.

Mas o horror não é só isso. O horror, escreve o próprio mestre do gênero, tem sempre dois níveis. São eles, acredito eu, que definem se o texto é bom ou não, se o leitor sente o que deve sentir ou não. O primeiro nível é o explícito: a aranha saindo debaixo da cômoda, o vômito da menina possuída pelo demônio, o sangue nos filmes de serra-elétrica.

Mas em outro nível mais potente, o trabalho do horror se transforma realmente numa dança — uma busca ritmada, em movimento. E o que ela procura é o lugar onde você,

## Apresentação

o espectador ou leitor, viva no seu nível mais primário. O trabalho do horror não está interessado no verniz civilizado que permeia nossas vidas. Tal trabalho dança através desses espaços nos quais encaixamos uma peça de cada vez, e onde cada peça expressa — assim espero — nosso caráter socialmente aceitável e agradavelmente ilustrado. Ele está em busca de um outro lugar, de um quatinho que algumas vezes lembra o covil secreto de um cavalheiro da era vitoriana, noutras a câmara de tortura da Inquisição espanhola... mas talvez, mais frequentemente e com maior sucesso, a simples e árida caverna de um homem da Idade da Pedra.<sup>2</sup>

Para Stephen King, é neste ponto que o horror vira arte, quando ele consegue tocar esses medos primários nossos, esse medo primitivo do desconhecido. A psicanálise junguiana me permite, inclusive, pensar que não temos medo do monstro, mas do que ele representa. Não temos medo do bicho embaixo da cama, ou do vampiro, ou do zumbi. Temos medo do que eles representam: o inesperado, o risco do desejo, a morte. Como diz outro verso de Drummond, "o medo da morte e o medo de depois da morte". Não é senão "aquela pequena sensação de ansiedade que nós chamamos de 'arrepio'"<sup>3</sup>. Os três romances

---

<sup>2</sup> KING, Stephen. *Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero*. Trad. Louisa Ibañez. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004, p. 19.

<sup>3</sup> idem, *ibidem*, p. 20.

## Vozes do horror

basilares do horror são, de alguma forma, representação disso. O *Drácula* de Bram Stoker, o *Frankstein* de Mary Shelley e *O médico e o monstro* de Stevenson são histórias que contam “os segredos inconfessáveis e as coisas que deveriam permanecer inauditas”: o segredo da eternidade, o segredo da vida e o segredo sobre nós mesmos.

O próprio Lovecraft começa seu longo ensaio *O horror sobrenatural na literatura* com a afirmação de que “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte tipo de medo é o medo do desconhecido”<sup>4</sup>. As histórias de horror modernas rompem, no tecido do cotidiano, com a tranquilidade de um agora que parecia seguro. O grande êxito das histórias aqui apresentadas está na capacidade de apresentar o horror permeando a realidade nossa como que parte dela, como um horror predestinado, um absurdo inexplicável que eclode diante da experiência humana e não pode ser completamente traduzido em palavras. Por isso a importância dos símbolos, dos traços, os rastros.

A atração do espectral e do macabro é de modo geral limitada porque exige do leitor uma certa dose de imaginação e uma capacidade de desligamento da vida do dia a dia. Relativamente poucos são suficientemente livres das cadeias da rotina do cotidiano para reagir às batidas do lado de fora

---

<sup>4</sup> LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 12.

## Apresentação

da porta, e as descrições de emoções e incidentes ordinários, ou de vulgares desfigurações sentimentais desses incidentes e emoções, terão sempre precedência no gosto da maioria; com razão, talvez, já que o curso desses temas ordinários forma a parte maior da experiência humana.<sup>5</sup>

Mas veja: eu, e talvez assim também seja você, mesmo após tantos filmes, mesmo entre tantos livros, de tantos temas, estou aqui, estamos aqui, prontos para iniciar mais uma leitura de narrativas de horror. Por quê? Eu, que nasci em 1984, ou seja, em plena efervescência da década do *pop*, caçula de quatro irmãos, recebendo deles toda a influência de literatura, cinema e música da revolução cultural iniciada nas décadas de 1960 e 1970, que assistiu à popularização do cinema no Brasil, que viu três versões diferentes de *O exorcista*, ainda estou aqui, apagando as luzes e deixando apenas uma iluminando as páginas para a leitura. Por quê?

Para tentar responder a isso, gostaria de lembrar uma história contada pelo cineasta argentino Andrés Di Tella<sup>6</sup>:

Uma fábula indiana conta a história de um homem terrivelmente feio que atravessou o deserto a pé. Viu uma coisa

---

<sup>5</sup> LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 10.

<sup>6</sup> TELLA, Andrés Di. O documentário e eu. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Almir (Orgs.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 114.

## Vozes do horror

que brilhava na areia. Era um pedaço de espelho. O homem se ajoelhou, pegou o espelho e olhou. Nunca antes tinha visto um espelho:

— Que horror! — exclamou. — Não espanta que o tenham jogado fora!

Largou o espelho e continuou seu caminho.

O horror. A parte "Jekyll" de cada um de nós. A parte que odiamos. Precisamos do horror para não nos afogar em nossas angústias, nesses medos enormes, esses pavores, a fobia do que nos é desconhecido. Talvez por isso o horror tenha encontrado tanto êxito no conto, gênero que, como uma fotografia, e empresto aqui a comparação de Ricardo Piglia, apresenta ao leitor um fragmento da realidade. Aqui o fragmento está imerso em uma realidade entre esta que conhecemos e vivemos e uma outra, nebulosa, realidade do sonho e do pesadelo. A região onde tudo é possível, região do "e se...", como ensina Horácio na tragédia shakespeariana: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia."

Por fim, acredito que estamos aqui porque, *aqui*, sentimos verdadeiramente. Enquanto o cinema muitas vezes nos dá a imagem pronta — o susto, o sangue, o grito —, a literatura nos permite *experimentar a experiência*, a situação, pois ela coloca o leitor no centro do acontecimento, no centro daquela realidade outra que se abre na leitura. Acredito nisso porque experimentamos isso o tempo todo enquanto lemos. Sei que, mesmo depois de ter assistido a três versões de *O exorcista*, foi lendo

## Apresentação

o romance de horror de William P. Blatty que me encolhi na cama para que meus calcanhares não fossem descobertos, lembrando que eu não havia olhado debaixo da cama antes de me deitar.

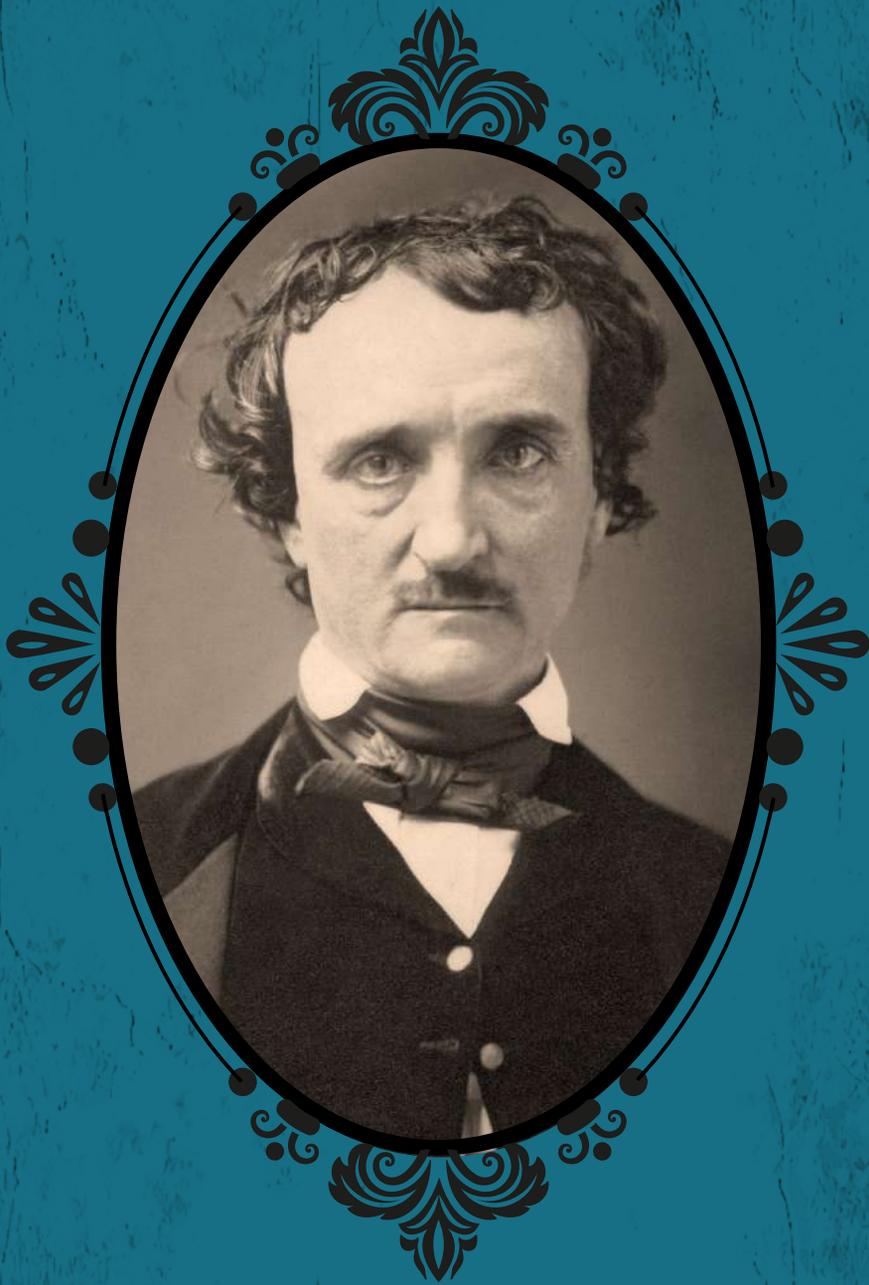
É isso que eu acho que você vai experimentar lendo estes contos. Foi isso que eu experimentei, pelo menos. Talvez seja a primeira vez que você leia um conto de horror, como eu naquela tarde perdida no passado fazendo meu empréstimo na biblioteca, todo orgulhoso de ter alcançado a adolescência.

Desculpe-me se esta apresentação se prolongou mais do que deveria e tardou o início da leitura. Não era minha intenção, que foi tão-somente me apresentar, não como guia, mas como companhia. Sabemos como são as estradas que levam à casa da vovozinha, no outro lado do bosque. Estamos agora a sós, eu e você, prestes a adentrar em atmosferas obscuras, ambientes úmidos... a ouvir a madeira rangendo, o barulho de chuva caindo à noite. Um clarão, um raio. O silêncio... e só então o trovão.

*Ricardo Augusto de Lima*<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Graduado em Letras (2010), com mestrado (2013) e doutorado (2017) na área dos Estudos Literários, todos pela Universidade Estadual de Londrina, onde finalizou, em 2020, seu pós-doutorado. Em 2015, fez período de estágio doutoral na Universitat de Barcelona, Espanha, na Unitat de Estudios biográficos. Atualmente, é professor de Teoria Literária na Universidade Estadual de Londrina. Também escreve textos literários, assinando como Ricardo Dalai.





# Edgar Allan Poe

✿ 1809 † 1849







*"Aquilo que você confunde  
com a loucura é apenas  
um excesso de agudeza  
de sentidos."*

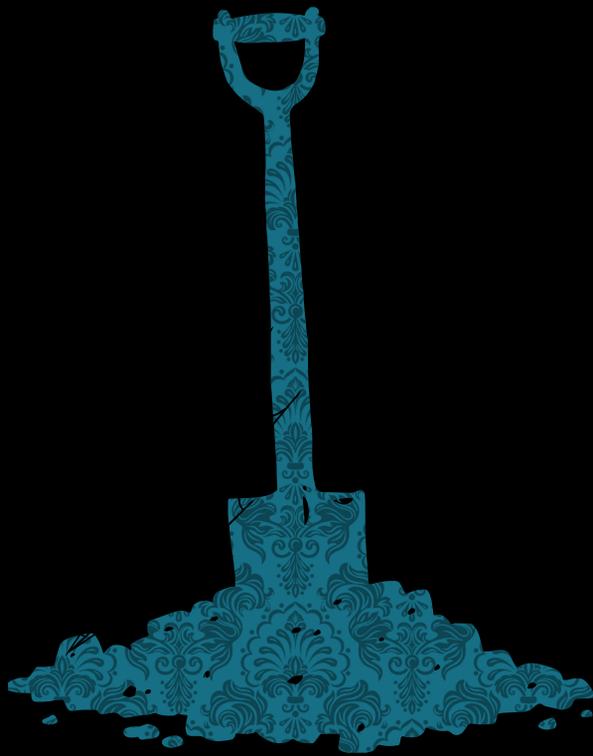
- EDGAR ALLAN POE -





# Berenice

— • 1835 • —





*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantulum for elevatas*<sup>8</sup>. — Ebn Zaiat.



**A** DESGRAÇA é variada. O infortúnio da terra é multiforme. Estendendo-se pelo vasto horizonte como um arco-íris, seus matizes são tão diversos quanto os matizes desse arco — variados, distintos e, contudo, nitidamente misturados. Estendendo-se pelo vasto horizonte como um arco-íris! Como foi que da beleza extraí um exemplo de desencanto? Do pacto de paz, um símile de tristeza? Assim como, na ética, o mal é consequência do bem, da alegria nasce, na realidade, a tristeza. Ou a lembrança da bem-ventu-

---

<sup>8</sup> Meus colegas me asseguravam que, se eu visitasse o túmulo de minha amiga, conseguiria aplacar minhas tristezas.

rança passada é a angústia de hoje, ou os martírios que existem têm origem nos êxtases que *poderiam ter existido*.

Meu nome de batismo é Egeu; o da minha família não mencionarei. No entanto, não há no país torres mais antigas do que as dos salões sombrios e cinzentos que herdei de meus avós. Nossa linhagem foi chamada de raça de visionários. Em muitos pormenores marcantes, no caráter da mansão da família, nos afrescos do salão principal, nas tapeçarias dos dormitórios, nas cinzeladuras de algumas colunas da sala de armas, porém, mais especialmente, na galeria de quadros antigos, no estilo da biblioteca e, por fim, na natureza peculiaríssima dos livros que ela abrigava, há evidências mais do que suficientes para justificar tal denominação.

As lembranças dos meus primeiros anos de vida estão intimamente relacionadas àquela biblioteca e a seus volumes, sobre os quais não direi mais nada. Ali morreu minha mãe. Ali eu nasci. Mas é mera futilidade dizer que eu não vivera antes, que a alma não tem existência anterior. Discorda disso? Não discutiremos o assunto. Já estou convencido, não desejo convencer ninguém. Há, no entanto, uma lembrança de formas etéreas, de olhos espirituais e expressivos, de sons musicais, porém tristes. Uma lembrança que não consigo apagar; uma memória semelhante a uma sombra: vaga, variável, indefinida, instável; e semelhante a uma sombra também na impossibilidade de me livrar dela enquanto a luz da minha razão existir.

Foi naquele cômodo que eu nasci. Assim, ao acordar de uma longa noite do que parecia — mas não era — o nada

## Berenice

para adentrar a terra das fadas, em um palácio imaginário, nos domínios selvagens do pensamento monástico e da erudição, não é de se estranhar que eu tenha olhado ao meu redor de um jeito espantado e ardente, que eu tenha passado a infância cercado de livros e dissipado minha juventude em devaneios; mas é estranho que, com o passar dos anos e o apogeu da idade adulta, encontrando-me na mansão de meus pais, uma estagnação tenha se abatido sobre as fontes de minha vida, e é maravilhoso perceber que houve uma total inversão na natureza de meus pensamentos mais comuns. As realidades do mundo me afetavam como visões, e apenas como visões, enquanto as ideias loucas da terra dos sonhos se tornaram, por sua vez, não o material de minha existência cotidiana, mas minha única e absoluta existência.



Berenice e eu éramos primos, e crescemos juntos no solar de meus pais. No entanto, crescemos de formas diferentes: eu, doente e mergulhado em minha melancolia; ela, ágil, graciosa e transbordando energia. Para ela, o passeio pelas encostas da colina; para mim, os estudos no claustro. Eu, vivendo dentro do meu próprio coração e viciado, de corpo e alma, na meditação mais intensa e dolorosa; ela, divagando descuidadamente pela vida, sem pensar em sombras em seu caminho ou no voo silencioso das horas de asas ltuosas. Ao invocar seu nome — Berenice! — das ruínas cinzentas da memória ecoam milhares de lembranças tumultuadas! Ah, vívida está sua imagem diante de

mim agora, como nos primeiros dias de sua jovialidade e alegria! Ó, deslumbrante, porém fantástica beleza! Ó, sílfide<sup>9</sup> em meio aos arbustos de Arnheim<sup>10</sup>! Ó, Náiade<sup>11</sup> às margens de suas fontes! E então... então, tudo é mistério e terror, e uma história que não deveria ser contada.

Uma doença... uma doença fatal caiu como um simum sobre seu corpo. E, enquanto eu a contemplava, o espírito da metamorfose tomou conta dela, impregnando sua mente, seus hábitos e seu caráter, perturbando, da maneira mais sutil e terrível, sua personalidade! Ai de mim! O destruidor veio e se foi, e a vítima — onde está ela? Eu não a conhecia — ou não mais a conhecia como Berenice.

Entre os inúmeros males provocados por aquela primeira e fatal doença, que causou uma revolução tão horrível no ser moral e físico de minha prima, pode-se mencionar, como o mais angustiante e obstinado, uma espécie de epilepsia, que não raro terminava em um transe cataléptico, muito similar à morte, da qual ela costumava despertar de maneira surpreendentemente abrupta. Nesse ínterim, minha própria doença piorou — me disseram que não havia remédio para ela — e, de forma nova e extraordinária, assumiu um caráter monomaniaco. De hora em

---

<sup>9</sup> Seres femininos das mitologias céltica e germânica que vivem no ar. (N.T.)

<sup>10</sup> Cidade e capital da província de Guéldria, na Holanda, situada na parte oriental dos Países Baixos. Conhecida por seus belos jardins e por sua beleza ímpar. (N.T.)

<sup>11</sup> Na mitologia grega, são ninfas de água doce que podem aparecer em rios, lagos, riachos e fontes. Possuem o dom da cura. (N.T.)

hora, de minuto em minuto, ela foi ganhando vigor e, finalmente, tendo sobre mim uma ascendência inexplicável. Essa monomania, se assim posso chamá-la, consistia em uma irritabilidade mórbida daquelas faculdades do espírito que a ciência metafísica denomina “faculdades da atenção”. É muito provável que não me compreendam. Na realidade, temo que não seja possível transmitir ao leitor comum uma noção adequada daquela nervosa *intensidade da atenção* com que, no meu caso, os poderes da meditação (para evitar termos técnicos) se ocupavam da contemplação dos objetos mais ordinários do mundo.

Meditar por longas e incansáveis horas, com a atenção voltada para algum artifício frívolo à margem ou na tipografia de um livro; ficar absorto durante a maior parte de um dia de verão contemplando uma sombra pitoresca que se projetava obliquamente na tapeçaria ou no piso; perder-me, por uma noite inteira, olhando para a chama tremeluzente de uma lamparina ou para as brasas de um fogão; sonhar dias inteiros com o perfume de uma flor; repetir monotonamente alguma palavra comum até que o som, por meio da frequente repetição, parasse de transmitir qualquer ideia à mente; perder toda a sensação de movimento ou de existência física por causa de uma total quietação corporal, prolongada e obstinadamente mantida: essas eram algumas das excentricidades mais comuns e menos perniciosas induzidas pelo estado de minhas faculdades mentais. Não eram, de fato, totalmente incomparáveis, mas certamente desafiavam qualquer tipo de análise ou explicação.

Sejamos, porém, mais claros. A atenção indevida, mórbida e excessiva, assim excitada por objetos de natureza frívola, não deve ser confundida com a propensão à meditação comum a toda a humanidade, e mais especialmente do agrado de pessoas de imaginação ardente. Nem era, como se poderia supor a princípio, uma condição extrema, nem um exagero de tal propensão, mas primária e essencialmente distinta e diferente. Em alguns casos, o sonhador ou entusiasta, quando interessado em um objeto, geralmente algo incomum, perde-o de vista sem perceber, em meio a uma imensidão de deduções e sugestões dele emanadas, até que, ao fim do devaneio, *muitas vezes repleto de voluptuosidade*, ele se depara com o *incitamentum*, causa primeira de suas meditações, inteiramente desaparecido e esquecido. No meu caso, o objeto primário era invariavelmente frívolo, embora assumisse, na minha visão distorcida, uma importância refratária e irreal. Poucas deduções — se houve alguma — foram feitas, e estas retornavam obstinadamente ao objeto primário como se fosse um centro. As meditações nunca eram agradáveis, e, ao término do devaneio, a causa primeira, longe de estar fora de vista, alcançava aquele interesse sobrenaturalmente exagerado que era a característica predominante da doença. Em suma, as faculdades mentais mais particularmente exercitadas eram, para mim, como já disse, as da *atenção*, enquanto que, para quem sonha acordado, são as *especulativas*.

Naquela época, meus livros, se não contribuíram para agravar a doença, participaram amplamente, como será

possível perceber por sua natureza imaginativa e inconsequente, de suas qualidades características. Lembrou-me bem, entre outros, do tratado do nobre italiano Coelius Secundus Curio<sup>12</sup>, *De Amplitudine Beati Regni Dei*<sup>13</sup>; da grande obra de Santo Agostinho, *Cidade de Deus; do De Carne Christi*, de Tertuliano, no qual a paradoxal frase “*Mortuus est Dei filius; credible est quia ineptum est: et sepultus resurrexit; certum est quia impossibile est*”<sup>14</sup> ocupou todo o meu tempo durante muitas semanas de investigação laboriosa e infrutífera.

Assim, minha razão, abalada em seu equilíbrio por coisas triviais, se assemelhava àquele penhasco oceânico mencionado por Ptolomeu Hefestião<sup>15</sup>, que resistia firmemente à violência humana e à fúria das águas e dos ventos, mas tremia ao mero toque da flor chamada asfódelo<sup>16</sup>. Para um pensador desatento, pode parecer indiscutível que a alteração produzida pela infeliz doença de Berenice, em sua condição *mortal*, me proporcionava vários motivos para o exercício daquela meditação intensa e anormal, cuja

---

<sup>12</sup> Coelius Secundus Curio (1503-1568) foi um teólogo protestante. (N.T.)

<sup>13</sup> Da grandeza do bem-aventurado reino de Deus.

<sup>14</sup> O filho de Deus está morto; é crível o que está além da crença; ele se ergueu do túmulo; certo é aquilo que é impossível.

<sup>15</sup> Ptolomeu Hefestião foi o transmissor da lenda, que só se tornou conhecido por meio de um resumo feito sobre a vida dele por um estudioso bizantino. (N.T.)

<sup>16</sup> De acordo com a mitologia grega, asfódelo é uma flor cultivada no Campo de Asfódelos, um lugar que fica no Mundo Inferior, no reino de Hades, Deus dos mortos. (N.T.)

natureza estou tendo dificuldade em explicar, mas não era esse o caso. Nos lúcidos intervalos de minha mazela, a calamidade que me atingia a consternava, e me afetava muito a total destruição de sua vida alegre e doce. Todavia, não deixava de refletir, com frequência e amargura, sobre as causas prodigiosas que haviam engendrado uma mudança tão estranha e repentina. Mas tais reflexões não eram parte da idiosincrasia de minha doença, assim como teria ocorrido, em circunstâncias semelhantes, à massa ordinária da humanidade. Fiel ao seu próprio caráter, meu distúrbio mental regozijava-se com as mudanças menos importantes, porém mais surpreendentes, ocorridas na compleição *física* de Berenice — na distorção singular e mais apavorante de sua personalidade.

Posso afirmar que durante os dias mais brilhantes de sua incomparável beleza, eu nunca a amei. Na estranha anomalia de minha existência, meus sentimentos nunca vinham do coração, e minhas paixões sempre foram do espírito. Através do crepúsculo matutino, entre as sombras treliçadas da floresta ao meio-dia, e no silêncio da minha biblioteca à noite, ela pairava diante dos meus olhos, e eu a via não como a Berenice viva e respirando, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser terreno, de carne e osso, mas como a abstração de tal ser; não como uma coisa para admirar, mas para analisar; não como um objeto de amor, mas como o tema das especulações mais abstrusas, embora desconexas. E *agora* — agora eu estremecia em sua presença e empalidecia com sua aproximação; no entanto, lamentando amargamente sua

deplorável e desolada condição, recordei que ela havia me amado por muito tempo e, em um mau momento, falei-lhe sobre casamento. O período de nossas núpcias estava, enfim, se aproximando quando, em uma tarde de inverno de um daqueles dias atípicos, cálidos, calmos e enevoados que são a alma da bela Alcíone<sup>17</sup>, sentei-me no gabinete da biblioteca. Acreditei estar sozinho, mas, ao erguer os olhos, vi que Berenice estava em pé diante de mim. Era minha própria imaginação excitada, a influência da atmosfera enevoadada, o crepúsculo incerto do cômodo ou as vestes cinzas que caíam ao redor de sua figura que lhe davam um contorno tão vacilante e indistinto? Eu não saberia dizer. Ela não disse uma só palavra, e eu por nada poderia ter pronunciado uma única sílaba. Um arrepio gelado percorreu meu corpo, uma sensação de ansiedade insuportável me oprimia, uma curiosidade devoradora impregnou minha alma, e, afundando-me na cadeira, fiquei algum tempo sem fôlego e imóvel, com os olhos fixos em sua figura. Ai de mim! Sua magreza era excessiva, e nenhum resquício daquele ser de outrora podia ser visto em nenhum de seus traços. Meu olhar ardente finalmente recaiu sobre o rosto.

A testa era alta, muito pálida e de uma placidez singular. Os cabelos, outrora negros, caíam parcialmente sobre ela e

---

<sup>17</sup> Pois, como Júpiter, durante a temporada de inverno, dá duas vezes sete dias de calor. Os homens chamam este elemento e este período temperado do ano de “a ama da bela Alcíone” — *Simônides*. (N.A.)

obscreciam as têmeoras encovadas com inúmeros cachos, agora de um amarelo vivo, em chocante dissonância, por seu caráter fantástico, com a melancolia que reinava sobre seu semblante. Os olhos estavam sem vida, sem brilho e aparentemente sem pupilas, e desviei os meus involuntariamente de seu olhar vítreo para contemplar os lábios finos e contraídos. Eles se entreabriram, e, em um sorriso de significado peculiar, os *dentes* da Berenice transformada se desvelaram lentamente à minha vista. Quisera Deus que eu nunca os tivesse visto ou que, tendo-os visto, tivesse morrido!



A batida de uma porta me assustou e, erguendo a vista, descobri que minha prima havia saído do cômodo, mas, infelizmente, não do ambiente desordenado de minha mente. Também não queria sair o *espectro* branco e sinistro de seus dentes. Não havia nem uma mancha na superfície deles, nenhuma nódoa em seu esmalte, nenhuma marca em suas pontas, mas aquele breve sorriso ficou marcado em minha memória. Eu os via *agora* de forma ainda mais inequívoca do que *antes*.

Os dentes! Os dentes! Eles estavam aqui e ali e em toda parte, visíveis e palpáveis diante de mim, longos, estreitos e excessivamente brancos, com os lábios pálidos se contraindo sobre eles, como no exato momento de seu primeiro terrível desenvolvimento. Então, isso provocou toda a fúria de minha *monomania*, e lutei em vão contra sua estranha e irresistível influência. Nos múltiplos objetos do mundo exterior, não pensei em nada, a não ser naqueles

dentes. Ansiava por eles com um desejo frenético. Todos os outros assuntos e interesses variados foram absorvidos por aquela única contemplação.

Eles, somente eles estavam presentes aos olhos de meu espírito e, em sua individualidade ímpar, tornaram-se a essência de minha vida mental. Via-os de todos os jeitos. Virava-os em todas as direções. Pesquisava suas características. Detinha-me em suas peculiaridades. Ponderava sobre sua conformação. Meditava sobre a alteração de sua natureza. Estremecia ao atribuir-lhes, em minha imaginação, sentimento e senciência e, mesmo quando desprovidos dos lábios, uma capacidade de expressão moral.

Sobre *Mademoiselle Sallé*<sup>18</sup> foi bem dito: “*Que tous ses pas étaient des sentiments*”<sup>19</sup>, e de Berenice, eu acreditava mais seriamente que *toutes ses dents étaient des idées. Des idées!*<sup>20</sup> Ah, ali estava o pensamento absurdo que me destruiu! *Des idées!* Ah, era por isso que eu os cobiçava tão loucamente! Sentia que apenas a posse deles poderia, por si só, restaurar-me a paz, devolvendo-me a razão. E, assim, a noite se fechou sobre mim. Então a escuridão veio e se demorou, e se foi. E o dia raiou novamente, e as névoas de uma segunda noite estavam agora se formando, e eu ainda estava sentado imóvel naquele quarto solitário, ainda mergulhado em minha meditação, ainda com o

---

<sup>18</sup> O narrador se refere a bailarina e coreógrafa francesa Marie Sallé (1707-1756). (N.T.)

<sup>19</sup> Todos os seus passos eram sentimentos.

<sup>20</sup> Todos os seus dentes eram ideias. Ideias!

*fantasma* dos dentes mantendo sua terrível ascendência sobre mim, como se flutuasse com a mais vívida e a mais hedionda nitidez entre as luzes e sombras mutáveis do cômodo. Por fim, irrompeu em meus sonhos um grito de horror e consternação, ao qual, após uma pausa, sucedeu o som de vozes aflitas, misturadas com gemidos baixos de tristeza e pesar. Levantei-me de meu assento e, abrindo uma das portas da biblioteca, vi parada na antecâmara uma criada, toda em prantos, que me disse que Berenice... estava morta! Fora acometida por uma epilepsia no início da manhã e agora, ao cair da noite, o túmulo estava pronto para sua ocupante e todos os preparativos para o enterro estavam terminados.

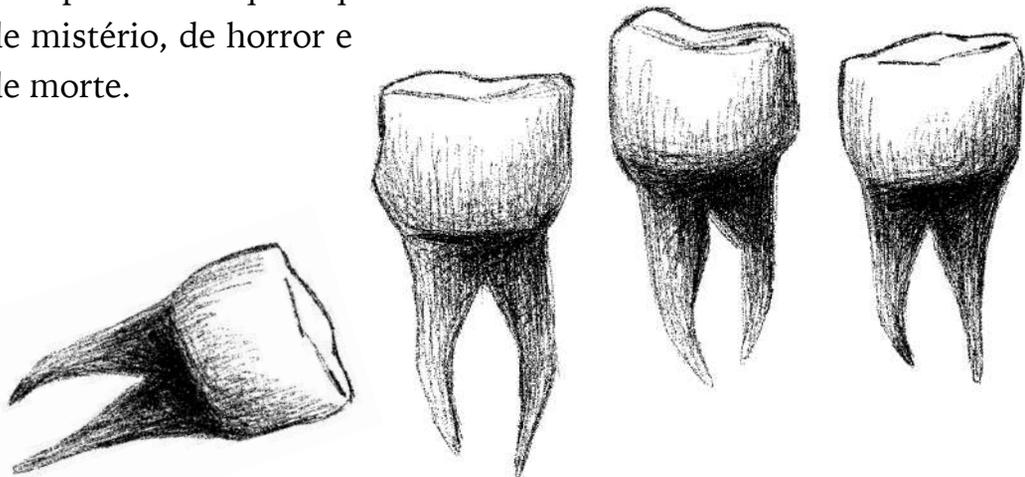
Com o coração cheio de angústia, oprimido pelo temor, dirigi-me com repugnância para o quarto de dormir da defunta. Era um quarto amplo, muito escuro, e eu me chocava, a cada passo, com os preparativos do sepultamento. Os cortinados do leito, disse-me um criado, estavam fechados sobre o ataúde e nele, acrescentou, em voz baixa, jazia tudo quanto restava de Berenice.

Quem, pois, me perguntou se eu não queria ver o corpo? Não vi moverem-se os lábios de ninguém. Entretanto, a pergunta realmente foi feita, e o eco das últimas sílabas ainda se arrastava pelo quarto. Era impossível resistir e, com uma sensação opressiva, dirigi-me a passos pesados para o leito. Ergui de manso as sombrias dobras das cortinas, mas, deixando-as cair de novo, desceram elas sobre meus ombros e, separando-me do mundo dos vivos, me encerraram na mais estreita comunhão com a defunta.

## Berenice

Todo o ar do quarto respirava morte. O cheiro característico do ataúde me fazia mal, e eu imaginava que um odor deletério exalava já do cadáver. Teria dado mundos para escapar, para livrar-me da perniciosa influência mortuária, para respirar, uma vez ainda, o ar puro dos céus eternos. Mas, faleciam-me as forças para mover-me, os joelhos tremiam e me sentia como que enraizado no solo contemplando fixamente o rígido cadáver, estendido ao comprido no caixão aberto.

Deus do céu! Seria possível? Transviara-se meu cérebro? Ou o dedo da defunta se mexera no sudário que a envolvia? Tremendo de inexprimível terror, ergui lentamente os olhos para ver o cadáver. Haviam-lhe amarrado o queixo com um lenço, que não sei como, se desatara. Os lábios lívidos se torciam numa espécie de sorriso, e, por entre sua moldura melancólica, os dentes de Berenice, brancos, luzentes, terríveis me fixavam ainda, com uma realidade demasiado vívida. Afastei-me convulsivamente do leito e, sem pronunciar uma palavra, como um louco, corri para fora daquele quarto de mistério, de horror e de morte.



Encontrei-me novamente sentado na biblioteca, mais uma vez sozinho. Parecia ter acabado de despertar de um sonho confuso e agitado. Eu sabia que já era meia-noite e também sabia muito bem que, desde o pôr do sol, Berenice estava enterrada. Contudo, naquele intervalo tétrico não tive nenhuma percepção definitiva. No entanto, a recordação dele estava repleta de horror, um horror mais terrível por ser impreciso, por ter advindo da ambiguidade. Era uma página medonha do registro de minha existência, toda escrita com lembranças turvas, horrendas e ininteligíveis. Esforcei-me para decifrá-las, mas foi em vão. E, de vez em quando, como o espírito de um som evadido, o grito agudo e estridente de uma voz feminina parecia ressoar em meus ouvidos. Eu tinha feito alguma coisa. “O que foi?”, eu me perguntei em voz alta, e os ecos do cômodo sussurraram: “*O que foi?*”.

Sobre a mesa ao meu lado, ardia uma luminária, e perto dela havia uma caixinha. Não era de caráter excepcional, e eu já a tinha visto com frequência antes, pois era propriedade do médico da família, mas como aquilo tinha ido parar ali, sobre a minha mesa, e por que eu estremecia ao contemplá-la? Certas coisas não podiam ser explicadas de maneira alguma, e meus olhos finalmente recaíram sobre as páginas abertas de um livro, em uma frase sublinhada. Eram as palavras singulares, mas simples, do poeta Ebn Zaiat: “*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantulum for levatas*”<sup>21</sup>. Por que então,

---

<sup>21</sup> Meus colegas me asseguravam que, se eu visitasse o túmulo de minha amiga, conseguiria aplacar minhas tristezas. (N.T.)



enquanto as lia, meus cabelos arrepiaram e o sangue do meu corpo congelou nas veias? Uma leve pancada soou na porta da biblioteca, e, pálido como o habitante de uma tumba, um criado entrou nas pontas dos pés. Sua fisionomia estava transtornada de terror, e ele falou comigo com uma voz trêmula, rouca e muito baixa. O que ele disse? Ouvi frases desconexas. Ele falou de um grito selvagem que perturbara o silêncio da noite, de uma reunião de família, da busca na direção do som. E, então, sua voz se tornou penetrantemente distinta quando me falou a respeito de um túmulo violado, de um corpo desfigurado envolto em uma mortalha, mas que ainda respirava — ainda palpitava, vivo!

Ele apontou para as minhas roupas. Estavam lamacentas e sujas de sangue seco. Eu não conseguia falar, e ele pegou delicadamente em minha mão: havia nela marcas de unhas humanas. Chamou minha atenção um objeto encostado na parede. Fiquei olhando alguns minutos: era uma pá. Com um grito, saltei sobre a mesa e agarrei a caixa que estava sobre ela. Mas não consegui arrombá-la; em meu tremor, ela escorregou de minhas mãos, caiu pesadamente e se despedaçou. Dela, com um som tilintante, rolaram vários instrumentos de cirurgia dentária, entremeados com trinta e duas pequenas coisas brancas, como se de marfim, que se espalharam pelo assoalho.

